

COLECÇÃO

*VIAGENS NA FICÇÃO*

*Chiado Editora*

chiadoeditora.com

Um livro vai para além de um objeto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Editora procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana “põe quanto és no mínimo que fazes”. Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

[www.chiadoeditora.com](http://www.chiadoeditora.com)

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde  
Conjunto Nacional, cj. 903, Avenida Paulista 2073,  
Edifício Horsa 1, CEP 01311-300 São Paulo, Brasil

Avenida da Liberdade, N.º 166, 1.º Andar  
1250-166 Lisboa, Portugal

*Chiado Editorial*

Espanha  
Paseo de la Castellana, 95, planta 16  
28046 Madrid  
Passeig de Gràcia, 12, 1.ª planta  
08007 Barcelona

*Chiado Publishing*

U.K | U.S.A | Irlanda  
Kemp House 152 City Road  
London EC1CV 2NX

*Chiado Éditeur*

França | Bélgica | Luxemburgo  
Porte de Paris  
50 Avenue du President Wilson  
Bâtiment 112 La Plaine St Denis  
93214 Paris

*Chiado Verlag*

Alemanha  
Kurfürstendamm 21  
10719 Berlin

© 2015, Filipe Delfim Santos e Chiado Editora  
E-mail: [geral@chiadoeditora.com](mailto:geral@chiadoeditora.com)

Título: José Régio – Correspondência com seu irmão Antonino  
Editor: Rita Costa  
Composição gráfica: Davide Jónatas Barros  
Capa: DJB DESIGN Editorial  
Revisão: pelo autor

Impressão e acabamento: *Chiado Print*  
1ª edição: Dezembro, 2015

ISBN: 978-989-51-5026-7  
Depósito Legal n.º 395846/15

FILIPE DELFIM SANTOS (ORG.)

*José Régio*

CORRESPONDÊNCIA  
COM SEU IRMÃO ANTONINO

*Chiado Editora*

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde

# ÍNDICE DE MATÉRIAS

## ESTUDO INTRODUTÓRIO

I – Antonino no Brasil. . . . .	13
II – Uma anedota de gaiatos . . . . .	19
III – A neurose sádico-chistosa . . . . .	25
IV – O jardim do poeta . . . . .	33
V – Recife vs. Vila do Conde; o protocinema . . . . .	39
VI – Resenha de ‘Histórias de Mulheres’ . . . . .	45
VII – O legado paterno . . . . .	49
VIII – O Brasil e a língua comum . . . . .	53
IX – Regresso póstumo do ‘filho pródigo’ . . . . .	57
RECORDAÇÃO DO ANTONINO. . . . .	61
PRÓLOGO. . . . .	71
CORRESPONDÊNCIA. . . . .	73
EPÍLOGO. . . . .	261

CARTA PARA FLÁVIO GONÇALVES. . . . .	265
CARTA PARA CONSTANTINO MAIA. . . . .	267
UMA ANEDOTA DE GAIATOS. . . . .	271
ÁLBUM DE FAMÍLIA. . . . .	287
TÁBUA CRONOLÓGICA DOS IRMÃOS REIS PEREIRA. . . . .	295
REFERÊNCIAS . . . . .	297
ÍNDICE ONOMÁSTICO . . . . .	305
ÍNDICE ICONOGRÁFICO. . . . .	313



Lápide na Capela da Senhora do Socorro ostentando os versos de Régio evocados por Antonino, p. 65.

# ESTUDO INTRODUTÓRIO

*No Dia do Juízo não se nos perguntará por aquilo que  
tivermos lido, mas sim por aquilo que fizemos.*

T. Kempis, *Imitação de Cristo*, III, 4.

## I – ANTONINO NO BRASIL

**S**E foi pela sua obra que José Régio se imortalizou, o monumento literário que erigiu, em parte inspirado nas suas vivências, despertou a atenção para a *vida comum* do Homem incomum que se achava a montante do Escritor. E bem afirmou Milton que maior maravilha do que uma grande Obra é certamente um grande Homem, ao lembrar que é a vida de um Poeta e a sua personalidade que constituem «*o verdadeiro poema*».<sup>1</sup>

Sem peripécias inusitadas ou surpreendentes lances da ventura, a existência de José Régio foi dedicada integralmente à literatura e à arte. Devotou o melhor do seu pensamento e reflexão à indagação da essência do fenómeno artístico e ao estudo da personalidade do artista, simultaneamente *senhor* da sua arte e sua primeira vítima, como o ilustram os exemplos da grande trindade trágica por si estudada: Camilo, Sá-Carneiro e

---

<sup>1</sup> «[...] he who would not be frustrate of his hope to write well hereafter in laudable things, ought himself to be a true poem; that is, a composition and pattern of the best and honourablest things [...]», MILTON 1834, 81.



Florbela. Porém, ao devotar quase desesperadamente à arte a sua vida, Régio não esqueceu nunca a *arte de bem viver* e soube resguardar-se prudentemente da agitação insana das grandes metrópoles, das exhibições sob a falsa luz dos holofotes, dos ditames malquistos da crítica, da volubilidade e inconstância do público; se, como escritor, soube viver mais para o passado e para o futuro do que para as modas então correntes, como homem de pensamento integrou-se no seu tempo com uma lucidez e uma justiça de critério modelares.

José Régio bem sabia que são os mais íntimos aspetos da personalidade do artista que determinam as manifestações exteriores da sua arte – e a intimidade familiar, ao contrário da amorosa, não é nunca ridícula nem risível. Estas *cartas fraternas* aqui presentes permitem clarificar algo mais do que os meros acidentes literários ou culturais da admirável aventura intelectual regiana, já que contribuem notavelmente para o conhecimento de algumas *facetas psicológicas* do seu protagonista – porventura aquelas que ainda reclamam maior estudo, para o qual as publicações de fontes epistolares se revelam tão primordiais quanto urgentes.

Numa relação fraternal, coincidindo os irmãos em idênticos progenitores e convivendo usualmente no mesmo meio familiar, tal coincidência e convívio não lhes conferem, por si só, qualquer similitude de

mundividências: a acidental coabitação reflete apenas uma ligação patrimonial que pode gerar, ou não, laços de afeto mais ou menos intensos e duradouros, sem determinar quaisquer afinidades de gosto e opções similares de vida: José e seu irmão Antonino nasceram no mesmo berço e receberam a mesma formação primordial, mas esta produziu resultados divergentes que se evidenciaram logo quando o primeiro rumou a Coimbra para seguir estudos superiores de Letras, optando o segundo, pouco antes de o seu irmão concluir a licenciatura, por uma precoce vida de trabalho e partindo com 19 anos de idade para o Recife, capital do Estado do Pernambuco, no Brasil.

Tal como discorre Régio em carta ao seu amigo Flávio Gonçalves,<sup>2</sup> o Brasil perfilava-se para Antonino como o Eldorado de sonho que o sucesso do tio-avô *brasileiro* lhe figurava promissor, esse José Maria Pereira que em 09.11.1844, com 14 anos de idade, para escapar às dificuldades de ter nascido entre mais 13 irmãos, tirara passaporte para o mesmo Pernambuco, vindo depois, durante a década de 70 do séc. XIX, a fixar-se na capital do Império do Brasil, o Rio de Janeiro.<sup>3</sup> Terá sido a consciência de que a família devia o seu confortável

---

<sup>2</sup> Escrita de Portalegre em 07.11.1965, MARQUES 1989, 268-269 e aqui parcialmente transcrita nas pp. 265-266.

<sup>3</sup> ALVES 1993, 396-402; PILOTO 2010, 167.

estatuto económico e social à aventura do tio-avô dos irmãos Reis Pereira pelas terras brasílicas que terá atenuado a objeção paterna à emigração de Antonino para o Nordeste brasileiro. E como a vida é plena de coincidências, há notícia de um outro Antonino (de Araújo), tio-avô materno dos irmãos Reis Pereira, também ele solteiro e que igualmente andou pelos *Brasis*.<sup>4</sup>

Podemos dizer que Antonino triunfou no Brasil e que simultaneamente se quedou muito aquém dos seus sonhos. Aquém, porque, manifestamente, não conheceu no Recife o sucesso que o seu tio-avô obtivera décadas antes e acabou confinado à mediania de uma existência de empregado de escritório, probo e bem-comportado. Mas a sua emigração foi também um êxito, já que conseguiu integrar-se e aculturar-se, conquistando uma vida estável e socialmente acomodada. Sem essa adaptação ele teria sido forçado a regressar à sua terra natal em falência económica e moral, como sucedera a Manuel da Bouça, o anti-herói de *Emigrantes* de Ferreira de Castro.<sup>5</sup> Não regressaria, na verdade, senão após a sua morte, sem jamais ter querido rever Vila do Conde, nem mesmo por causa da, ou graças à, herança de família, da qual estas cartas circunstanciadamente tratam.

---

<sup>4</sup> SANTOS 1990, 54.

<sup>5</sup> CASTRO 1928.

Percebemos, aliás, pelos constantes vaivéns atribuídos àquele primo Martins, amiúde portador de notícias e de enredos entre o Recife e Vila do Conde, que tais viagens não seriam excepcionalmente difíceis ou onerosas.

Foi Antonino o que José Régio teria sido, caso não tivesse ido estudar para Coimbra? Certamente que não. A medida do génio de Régio é-nos dada pela dimensão da sua improvável vitória sobre as limitações culturais do *milieu* de origem, vitória essa que se deveu à enorme tensão criadora em que o seu espírito vivia. Em Antonino esse *impulso para o impossível* não existiu: dotado de sensibilidade e de inteligência, não procurou mais do que cultivar-se medianamente – porém, quando se queixou a João Gaspar Simões de que «*Só eu estou práqui, não dei prá nada...*», talvez tenha sentido que as suas potencialidades não se haviam realizado inteiramente.

## II – UMA ANEDOTA DE GAIATOS

A história documentada desta *fraternidade* começa na infância, nas brincadeiras teatrais que Régio ensaiava com o irmão Júlio e uma prima, nas quais Antonino era apenas estrategicamente *tolerado*, já que «ninguém tinha mão nele»<sup>6</sup>:

Também mantínhamos uma companhia de amadores, eu, o Júlio, o Antonino e uma nossa prima da mesma idade, – estrela única da Companhia. Só para que nos deixasse operar admitíamos o Antonino, a quem geralmente eram distribuídos papéis mais ou menos imóveis e mudos. Às vezes ele revoltava-se, e o espetáculo era interrompido por escandalosos tumultos. Improvisávamos as peças, como na *Commedia [dell] Arte*, e confeccionávamos o guarda-roupa com restos de indumentária familiar posta de parte. Dos componentes, sem dúvida era eu o mais entusiasta. Nem sempre se me tornava fácil alimentar o fogo

---

<sup>6</sup>RÉGIO 2001, 39.

sagrado nos elementos um pouco túbios, tentados por novas diversões.<sup>7</sup>

Os testemunhos sobre a singular relação entre os dois irmãos prosseguem com uma narrativa autoficcional e *anedótica*, na qual, na já citada carta a Flávio Gonçalves, Régio revela que havia retratado Antonino:

Se o evoquei [a Antonino] (e muito incompletamente), foi num conto intitulado ‘Uma anedota de gaiatos’, que saiu num volume de contos editado no Ultramar.<sup>8</sup>

Efetivamente, foi em 1963 que Régio publicou a primeira edição deste conto em Sá da Bandeira, Angola, de onde as Publicações Imbondeiro, dirigidas pelo ponte-sorense Garibaldino de Andrade (1914-1970) e pelo vimaranense Leonel Cosme (1934-), lhe solicitaram um inédito. Garibaldino de Andrade fora aluno de Régio no Liceu de Portalegre, o que deve ter ocorrido no primeiro ano da docência do Poeta naquela cidade alentejana, pois o jovem teria 15 anos de idade quando Régio ali chegou em 1929. O mestre-escola alentejano partiu para Angola, tendo estanciado de 1953 a 1957 em Palanca, aldeia do concelho do Lubango, Huíla, e desde essa data na própria capital da região, Lubango, chamada então Sá da Bandeira. Aí iniciou em janeiro de

---

<sup>7</sup> RÉGIO 2001, 40-41.

<sup>8</sup> MARQUES 1989, 269.

1960 as lendárias Publicações Imbondeiro, um marco quer da literatura colonial portuguesa, quer da lusofonia, já que o projeto unia o triângulo Portugal – África portuguesa – Brasil.<sup>9</sup> Curiosamente, Garibaldino, que chegara a terras africanas como «*professor de meninos*», na expressão que usava, irá procurar exportar para o Brasil as suas edições literárias em troca de livros pedagógicos brasileiros destinados às escolas do magistério primário daquela Província, que deles se achavam muito carenciadas.<sup>10</sup>

Na carta que Garibaldino escreve a Régio em 14.01.1963, agradecendo-lhe o envio do original do conto, não há menção da relação de discipulado mas alude-se «*à nossa velha amizade*» e refere-se que as Publicações Imbondeiro incumbiram o seu delegado-geral na Metrópole (António Augusto Menano, não nomeado) de contactar os escritores metropolitanos cuja colaboração se desejava ver incluída no *Imbondeiro gigante*, futura coletânea de narrativas breves reunidas em volumes «*colaborados por ultramarinos, metropolitanos e brasileiros*». A carta serve para se desculpar pelo facto de não ter sido o próprio Garibaldino a escrever inicialmente a Régio formulando este pedido, assoberbado como ele estava com a escrita d'«*a bonita média*

<sup>9</sup> COSME 2014.

<sup>10</sup> Carta de Garibaldino de Andrade para Salim Miguel, 30.03.1963, *apud* SANTOS 2014.

de 50 [cartas] por semana». E em 21.06.1963 é a vez de Garibaldino desculpar Régio pelo atraso deste na revisão das provas tipográficas do conto, aliás as primeiras a serem compostas e enviadas de Angola para a Metrópole: o livro estava parado mas previa-se a sua saída para agosto daquele ano. Anuncia-lhe ainda que na Livraria Imbondeiro, em Sá da Bandeira, se vendem todos os livros de poesia de Régio e mais três dos títulos de *A velha casa*, procedendo-se agora à encomenda de *As raízes do futuro* (*A velha casa*, II) e de *Teatro*.<sup>11</sup>

Tal como previsto, o *Imbondeiro gigante* saiu a público em agosto daquele ano, uma vez que em 28.10.1963 Garibaldino escreve de novo a Régio dizendo-lhe que «*Há muito que estava para lhe escrever [...] para saber a sua opinião sobre o nosso primeiro Imbondeiro gigante, de que o seu conto é uma das mais brilhantes páginas*». E, de facto, ‘Uma anedota de gaiatos’ figura no primeiro tomo daquela publicação.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Em 1963, a coleção *Teatro de José Régio* estava já completa com os seus 5 volumes, publicados por quatro editoras diferentes. É curioso que tenha passado despercebido a Garibaldino o livro de contos fantásticos *Há mais mundos*, de 1962, que nesse ano de 1963 valeu a Régio o segundo dos dois prémios literários que recebeu em vida, ambos consagrando o prosador – o primeiro no género do romance e o segundo no do conto; v. carta 53b.

<sup>12</sup> Na recolha participam igualmente, além do próprio Garibaldino de Andrade, Alexandre Cabral, Antunes da Silva, Eduardo Teófilo, Fernando Reis, Guido Wilmar Sassi, Jorge Medauar, Júlio Graça, Lygia Fagundes Telles, Luís Cajão, Manuel Amaral, Mário António, Óscar Ribas, Ricardo Ramos, Urbano Tavares Rodrigues e Vasco Branco; o imbondeiro da capa



Estranho é que Régio não tenha referido e muito menos enviado ‘Uma anedota de gaiatos’ a seu irmão no Brasil – isto se a sua publicação em África não constituiu já uma estratégica semi-ocultação. Tê-lo-á inibido o receio de que este se suscetibilizasse com a recordação do episódio evocado? Antonino, que ainda viveria outros dois anos após a saída a público daquela narrativa, não teve dela qualquer notícia, ou se a teve nada sobre isso transparece na correspondência posterior a 1963 que de ambos se conserva.

E por que motivo é o irmão Júlio omitido naquele conto? Haveria traços seus no ‘Felisberto’ que ali figura, como o jeito para o desenho ou a diferença etária com Régio próxima de um ano, sendo aquela personagem uma fusão dos dois irmãos? Hipótese infirmada por Régio que, na referida carta a Flávio Gonçalves, afiança ser Antonino, e só Antonino, o irmão *incompletamente* retratado no intratável ‘Felisberto’, um diabinho estouvado e *prankster*, amigo de pregar partidas, de lhe arruinar os livros e de perturbar a santa paz da vizinhança.

---

é um desenho de Fernando Marques. Estava anunciado um segundo tomo que não chegaria a sair.

### III – A NEUROSE SÁDICO-CHISTOSA

Para além de figurar como deuteragonista da ‘Anedota’, podemos entrever numa anterior produção ficcional regiana algumas reminiscências adicionais de Antonino na personagem de Rosa brava, a *sœur abusive* das *Histórias de mulheres* (1946), esta por ele conhecida e judiciosamente comentada. Rosa sofre de um feitiço que recria à perfeição a «*neurose sádico-chistosa*» de Antonino, segundo a própria expressão do irmão de Régio. Dela nos diz o escritor:<sup>13</sup>

Pregar partidas resumia-se a cometer maldades. Parece que tal era o seu estilo de se divertir, ou expandir o bom ou mau humor, ou manifestar a sua juventude; quem sabe?, talvez, até, de exprimir a sua afeição ou simpatia pelas pessoas...<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Carta 2.

<sup>14</sup> RÉGIO 2007, 128.

É com a sua anterior experiência de Antonino que Régio compõe o retrato psicológico de Rosa. De tal forma era o feitio de Rosa insuportável que mais uma vez sobre ela escreve Régio que a irmã, Marília, deplorava o seu nascimento:

[...] já Marília chegara a pensar (e mais que uma vez!) na conveniência que para todos haveria em não ter Rosa nascido; mesmo, talvez, para a própria.<sup>15</sup>

Também Régio na ‘Anedota’, tal como em passagem paralela da *Confissão*,<sup>16</sup> chega da mesma forma a desejar que aquele seu irmão lhe não tivesse nascido.

Tanto Antonino como Rosa parecem exhibir uma dupla personalidade que oscila entre o prazer de infligir danos psicológicos aos próximos e o remorso que isso causaria ao seu fundo naturalmente bom: assim, Rosa passava abruptamente do demónico ao angélico («*mas quantas vezes mal sabia ela distinguir os seus demónios dos seus anjos!*»<sup>17</sup>) por meio daqueles «*tumultuosos arrependimentos que às vezes manifestava*»;<sup>18</sup> de igual forma, também o Antonino da ‘anedota’ surpreendia tudo e todos com a sua personalidade ambivalente:

<sup>15</sup> RÉGIO 2007, 130.

<sup>16</sup> Aqui apresentada no ‘Prólogo’, p. 71.

<sup>17</sup> RÉGIO 2007, 142.

<sup>18</sup> RÉGIO 2007, 131.

A verdade inteira é que Antonino também podia mostrar-se gentil, ser simpático e afetuoso, revelar uma imprevista imaginação amável e uma sensibilidade que, noutras ocasiões, ninguém lhe atribuiria.

Para além do feitio semelhante, Régio também nos diz que as consequências das travessuras eram idênticas para ambos, já que o sadismo de Rosa parecia voltar-se contra ela mesma:

Dir-se-ia que, em tais momentos, preferiria ela que lhe batessem, - tal a espécie de ansiedade com que desafiava. Quem sabe? talvez nisso achasse uma justificação, talvez um castigo secretamente desejado, para a sua maldade.<sup>19</sup>

Antonino, num impulso masoquista, de igual forma perseguia a sua própria punição:

Não poderiam passar tais atentados sem represálias, e sabe Deus em que poderiam estas consistir! Não era o que pretendia Antonino? Os espíritos malignos que então o possuíam - exigiam luta e violência para se aplacarem.

Um traço adicional une as duas figuras: a capacidade para adivinhar os pontos fracos dos outros, fruto de uma psique acutilante, materializava-se na simbólica arte de violar segredos abrindo fechaduras:

---

<sup>19</sup> RÉGIO 2007, 132.

Antonino conhecia todos os escaninhos do velho casarão; passeava pelos telhados como um gato; sumia-se nos buracos do soalho como os ratos; escabulhava todos os baús e caixas; arranjava chaves para abrir todas as gavetas e portas.

Acerca de Rosa diz-nos Régio que...

[...] nenhuma gaveta podia, sequer, estar fechada com ela - que tinha chaves para todas as gavetas; ninguém sabia onde as ia desencantar!<sup>20</sup>

Terá Antonino reconhecido traços seus na trucu-lenta Rosa? Talvez, mas não o confessa na carta ao irmão em que comenta os *chistes* desta *incompreendida*.

Uma outra semelhança entre Rosa e Antonino resulta mais das consequências – o celibato – do que das causas: a jovem portalegrense é levada a uma tal «*ascese*» pela sua rejeição dos homens e exclusiva preferência pelo mesmo sexo. Não se lobriga aqui como Antonino, com a sua paixão pela psicanálise, lhe deteta o famigerado «*complexo de Édipo*»: se é certo que Rosa rejeita todos os avanços masculinos, como dirá ao seu primo Rogério: «*Sou uma rapariga ainda mais esquisita do que pensas. Poucos homens me conviriam..., desconfio até que nenhum*»,<sup>21</sup> esse seu repúdio pelos homens não deriva de uma qualquer paixão não correspondida pelo

<sup>20</sup> RÉGIO 2007, 128.

<sup>21</sup> RÉGIO 2007, 144.

progenitor, Rodrigo, de quem aliás é a menos grata e a mais distante das filhas, mas sim pela sua acentuada preferência pela «*companhia de qualquer moça*». <sup>22</sup> É esta inclinação, assumida como «*[...]um destino... por uma imposição de conduta mal conhecida...*», <sup>23</sup> que determina a sua rejeição do casamento, um dos temas deste carteiro entre os dois irmãos celibatários.

Ora as razões de José e de Antonino são bem diferentes das de Rosa, já que a ambos se aplica o que Régio algures escreveu: «*em nenhum de nós a resistência ao matrimónio [...] significava indiferença pelos encantos femininos*». <sup>24</sup> Porém, sendo as premissas diferentes, o corolário é o mesmo. Antonino é levado à apologia do celibato por puro hedonismo:

[...] nunca tive queda para o casamento. Julgo que a liberdade é o dom mais precioso do homem. As mulheres para mim não passam de meros pasatempos [...]

...profissão de fé de um epicurista que considera as suas ideias avançadas para a época, estando elas certamente em desacerto com as convenções burguesas, talvez menos com as práticas.

<sup>22</sup> RÉGIO 2007, 148.

<sup>23</sup> RÉGIO 2007, 146.

<sup>24</sup> RÉGIO 2007, 79.

<sup>25</sup> Carta 2.

Esta proposição que Antonino emite em 1949 é consentânea com o que já escrevera vinte anos antes, na primeira carta deste acervo, em que formulara apelos à sensualidade do seu irmão José que não seriam tão correspondíveis no torrão natal quanto o poderiam ser lá longe, nas quentes areias tropicais: «*diverte-te enquanto és moço*»...<sup>26</sup>

Mas Régio, diferentemente de Antonino, chega à opção celibatária pela procura de uma solidão fecunda: e quando Antonino opina que os poetas «*amam todas as mulheres e no fim não amam nenhuma*»,<sup>27</sup> parece não ter atentado no facto de a poesia de Régio raramente ser uma poesia de amor (talvez seja mais frequentemente de amor narcísico) – e por isso não pôde entender neste particular as razões do seu irmão («*já devias ter-te casado*»).<sup>28</sup>

Ora Régio, em vez de ir passear «*poeticamente [...]* com garotas modernas à capelinha de Nossa Senhora da Guia»,<sup>29</sup> preferiu antes *sonhar* em casar-se (certamente com uma garota *menos moderna*) na Capela da Senhora do Socorro,<sup>30</sup> nesses belos versos pelos quais Constantino

---

<sup>26</sup> Carta 1.

<sup>27</sup> Carta 2.

<sup>28</sup> Carta 2.

<sup>29</sup> Carta 1.

<sup>30</sup> RÉGIO 1941a, 30.

Maia nos conta que Antonino demonstrava especial predileção,<sup>31</sup> – cuidando, todavia, que um tal projeto não passasse jamais do sonho – e aproximando-se assim deste seu irmão,<sup>32</sup> pois que ambos seguiram as rigorosas prevenções antimatrimoniais expressas por Schopenhauer e por Nietzsche, para nos limitarmos aos mestres em filosofia que escolheram. Dito isto, será certamente de apor algumas reservas ao alegado *noivado* de Antonino, revelado por Constantino Maia na sua nota biográfica.

Foi, pois, para salvaguardar a sua liberdade criadora, e não, como Antonino, para cultivar uma infecunda *liberdade pela liberdade*, que Régio escolheu consagrar-se à sua obra em lugar de se dedicar a uma família convencional – e confia ao irmão que não está arrependido dessa escolha:

Quem quer a liberdade de solteiro – tem de aceitar as desvantagens da vida solitária. Apesar de tudo, eu, até hoje, ainda me não arrependi.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> V, p. 65.

<sup>32</sup> RÉGIO 2001, 63: «*quatro de nós, os filhos, ficámos solteiros, pois só o Júlio se casou*»; porém, a Apolinário conhecem-se relações duradouras e cinco filhos e João Maria viria a casar após a morte de Régio.

<sup>33</sup> Carta 27.



## IV – O JARDIM DO POETA

Entre alguns traços benignos que Régio concede à brava e ferina Rosa das *Histórias de mulheres*, um único entre eles avulta que não nos chega temperado por quaisquer ironias ou reservas: o ser ela capaz de...

[...] se levanta[r] de noite para regar uma planta que deixara esquecida;<sup>34</sup>

Ora é bem-sabido que José Régio alimentou sempre uma relação especialíssima com a jardinagem e as flores, efémeras e mudas companheiras do esteta. É, pois, natural, que aquela ‘Anedota de gaiatos’, onde se detalham os gostos e predileções do pequeno José, caminhe inexoravelmente em direção à sua afeição maior de então, os incipientes frutos do labor de jardineiro amador de um poeta que dirá:

Sempre considerei poetas os homens que particularmente gostam de flores.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> RÉGIO 2007, 140.

<sup>35</sup> Esta frase ocorre em duas instâncias de um pequeno conto que retrata

Em casa de seus pais teve Régio um primeiro apego (chamar-lhe-á *mania*) por esse «*bocadinho de quintal [tratado] com minuciosa paixão*»,<sup>36</sup> tal como depois por aquele outro, na casa da madrinha Libânia:

Sem dúvida tenho a *mania* dos quintais e das casas. E o nosso próprio quintal primitivo, o quintalzinho de meu avô, ao rés do seu quarto, e o estreito comprido quintal de minha madrinha – foram pequenos e inesgotáveis mundos íntimos a que a minha infância esteve e ficou muito ligada.<sup>37</sup>

Tinha ele 11 anos de idade quando seu pai acrescentou à casa da madrinha Libânia, contígua à dos Reis Pereira, um jardim com um pequeno *grotto*:

José Régio em meados de 1913 – portanto ainda com 11 anos – assistiu ao nascimento do jardim [da sua casa], o qual, decorridos anos, se tornou para sempre no *seu jardim*.<sup>38</sup>

---

ternamente o velho Daniel, que «*vivia numa pequena reforma, e cultivava flores*», RÉGIO 1955, 9; foi publicado em *A Criança*, revista qual apenas saíram dois números, ambos em 1955, fundada e dirigida pelo filho do filósofo Leonardo Coimbra, Leonardo Augusto Coimbra – médico católico, filantropo e deputado à Assembleia Nacional e editada pela Associação Protetora da Criança contra a Crueldade e Abandono, por ele criada dois anos antes para acolhimento e assistência à infância desvalida.

<sup>36</sup> RÉGIO 2007, 39.

<sup>37</sup> RÉGIO 2001, 67.

<sup>38</sup> PEREIRA 1990, 12: João Maria, o mais jovem dos irmãos de Régio, história neste artigo a relação material e poética de seu irmão José com as flores e com a jardinagem.

*Seu*, porque com ele manteve constantes cuidados e atenções. Nas numerosas ocasiões em que, na presente correspondência, Régio se refere à casa da madrinha Libânia, jamais se esquece de incluir nessas menções o jardim ou quintal anexo como sendo um dos seus principais interesses nas partilhas: «*o jardim, que é o melhor [da casa], sempre o tenho tratado*».<sup>39</sup>

Luísa Dacosta evocou belamente os folguedos dos infantes Reis Pereira naquele «*jardim do Poeta*»:

[...] os marujinhos do retrato [v. p. 289] se escondiam na gruta, seguiam as borboletas, de canteiro em canteiro, descobriam a beleza duma teia orvalhada, ou desciam os degraus ao chinlopé.<sup>40</sup>

Régio, que mais tarde se autorretrataria como o «moço jardineiro» de uma *canção* que faz do jardim o símbolo da vida de um homem,<sup>41</sup> preferia, ao invés de outros solitários que a animais se dedicam, prodigalizar às suas plantas as «*atenções e subtilezas de [um] namorado*»:<sup>42</sup>

.....  
*Jardim do poeta, – chão sagrado.*

<sup>39</sup> Carta 5.

<sup>40</sup> DACOSTA 1977, 70; <http://www.regio.pt/p/bibliografia.html>.

<sup>41</sup> RÉGIO 1968, 75-81.

<sup>42</sup> RÉGIO 1955, 9.

*Louvado Quem na mais modesta flor  
Pôs tal requinte, e a fez tão rica,  
Tais mistérios e dons lhe comunica,  
Lhe dá caprichos tais de forma e cor!*<sup>43</sup>

E não eram só as formas e as cores a encantar Régio, mas também a opulência olfativa: na *Confissão* descreve o prazer que obtinha em...

[...] aspirar o cheiro a mel e pimenta das rosas rubro-escuras que, de vulgares que eram, se foram tornando raras... Nunca, nunca o cheiro de quaisquer outras rosas, – exceto, porventura, o de certas rosas chá que também desapareceram, e floriam num recanto do *meu quintal* – me foi igualmente grato! Quando, muitos anos depois, fui encontrar em Portalegre, no pequeno quintal duma casa térrea que alugara para armazém de velharias, aquelas mesmas rosas rubro-escuras, que por vulgares ou rústicas haviam passado de moda, – tive uma comoção e um alvoroço indizíveis! Creio que só então, reaspirando com íntima e dolorosa volúpia o seu intenso cheiro a mel e pimenta, pude compreender a fundo certa página célebre do autor do *temps retrouvé*.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> RÉGIO 1971, 91-94.

<sup>44</sup> RÉGIO 2001, 47; a referência é a Marcel Proust: «*Mais, quand d'un passé ancien rien ne subsiste, après la mort des êtres, après la destruction des choses, seules, plus frêles mais plus vivaces, plus immatérielles, plus persistantes, plus fidèles, l'odeur et la saveur restent encore longtemps, comme des âmes, à se rappeler, à attendre, à espérer, sur la ruine de tout le reste, à porter sans fléchir, sur leur gouttelette presque impalpable, l'édifice immense du souvenir*», PROUST 1946, 68.

Não é de surpreender que o cerne da ‘Anedota’ – escrita ao jeito da *Tragédia infantil*, de Guerra Junqueiro,<sup>45</sup> – e que se reporta aos acontecimentos que ensombraram o dia do 13.º aniversário natalício do pequeno José – venha a ser o choque por ele sofrido quando, ao chegar àquele jardim que há um ano e três meses conferia superlativo encanto à casa e à sua vida de *petit jardinier*, é confrontado com a devastação de que fora vítima o objeto particular dos seus desvelos – um arbusto de campainhas douradas –, barbárie cujo autor ele prontamente identifica na pessoa do seu *terrível* irmão.

Sob o impacto do trauma causado pela afrontosa façanha de Antonino, sobrevém a José uma «*espécie de ataque*»<sup>46</sup> de «*menino histérico e precoce*»,<sup>47</sup> que se transforma num misto de «*donzela e fera*»<sup>48</sup> endemoniada – fúria que o leva a destroçar a inocente planta a fim de não mais proporcionar a seu irmão qualquer porvindoiria ocasião de o atormentar a expensas do seu bem-querido arbusto. Ato tresloucado que, no plano subconsciente, assume igualmente a dimensão maso-

<sup>45</sup> JUNQUEIRO 1877: neste remoto antepassado da ‘Anedota’, o Poeta freixiense versificara o angustioso lance da destruição, pelo irmão, de uma boneca muito estimada de sua irmã.

<sup>46</sup> V, p. 285.

<sup>47</sup> RÉGIO, ‘Libertação’, 2004, 97.

<sup>48</sup> RÉGIO, ‘Do meu orgulho’, 2004, 63.

quista de uma automutilação simbólica, destinada a expiar o seu arrependimento pelos próprios sentimentos pouco fraternos que experimentava pelo irmão. E eis que, após redirecionar para o arbusto a sua cólera, descobre demasiado tarde que as flores haviam sido colhidas para uma afetuosa homenagem que Antonino lhe desejara fazer naquele dia tão especial, gentil oferta à qual, ciente da estima que José nutria pelas suas campanhas douradas, lhe agregava agora também a promessa solene de não mais voltar a depredar o indefeso arbusto.

Por esta vez Régio julgara mal o irmão. Não era, afinal, tão implicante assim esse Antonino, que no retrato de família durante a época infantil figura já isolado à direita do grupo, sentado na sua cadeira que se encontra longe, muito longe, dos seus outros dois irmãos, José e Júlio.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> V. p. 289.

## V – RECIFE VS. VILA DO CONDE; O PROTOCINEMA

**E**sse irmão *à parte* irá afastar-se definitivamente em 1924 e a carta que Régio escreve a sua mãe em 11.03.1924 dá bem conta do desgosto que Antonino causou então à família com a sua partida, embora o irmão mais velho não denote qualquer intenção de demover o mais jovem, ou de pedir a outros que o demovam, de empreender aquela aventura:

Como da outra vez, reli tudo o que a Mamã diz sobre a partida do Antonino, e quase me arrependi de não ter arranjado um atestado médico para me poder esquivar ao exercício e aparecer aí.<sup>50</sup>

Com a emigração parece ter ficado para trás a criança e jovem quezilento, rebelde, *misfit*, *aprontador*, que preferiu desenraizar-se a sufocar no microcosmo familiar – apesar da relação muito mais próxima com

---

<sup>50</sup> RÉGIO 2010, 16.

o progenitor do que a de seu irmão: «*Quando éramos garotos, eras tu quem mais saía com o pai, principalmente aos domingos*». <sup>51</sup> «*Pai esse*» com quem Antonino irá manter assídua correspondência no Brasil, dele recebendo frequentemente jornais e cartas; em ‘Uma anedota de gaiatos’, a relação privilegiada será confirmada também em relação à mãe: «*Com a nossa mãe, era duma afetividade muito mais expansiva do que eu*», <sup>52</sup> o que coincide com esta passagem da *Confissão*:

Com tudo isto, o Antonino era muito afetivo, até sentimental. Nenhum de nós (creio que por um estúpido pudor) beijava e abraçava a nossa mãe como ele – manifestações a que ela era muito sensível. <sup>53</sup>

Entre José e Antonino perdurou uma correspondência ocasional durante décadas – «*embora nunca deixasse de nos escrever*» <sup>54</sup> – e, na carta 3, Régio nota que «*há muito que te não escrevo*». Extraviaram-se assim as cartas de Régio de finais dos anos 20 a finais dos 50 e apenas se conservaram duas missivas de Antonino até 1957, sendo que ambas prometiam bastante quanto ao outro lado do diálogo.

---

<sup>51</sup> Carta 44.

<sup>52</sup> V. p. 278.

<sup>53</sup> V. ‘Prólogo’, p. 72.

<sup>54</sup> *Ibidem*.



A primeira terá sido escrita em 1929, após cinco anos de Brasil, mostrando-nos já um Antonino muito aculturado, o que se explica pela idade de 19 anos – uma fase da vida caracterizada por grande recetividade às influências do meio – com que chegara a terras da antiga América Portuguesa. O Brasil revela-se, é claro, um paraíso tropical do sexo fácil e descomprometido para o jovem pinga-amor, um éden pleno da abundante e sedutora feminilidade das «*garotas modernas*», as «*melindrosas*».<sup>55</sup> Redigida quando Antonino tem 24 anos de idade, a carta vem recheada das saudades despoletadas pelos jornais enviados pelo pai, tão fortes que o levam a comparar desfavoravelmente o novo meio pernambucano com as vivências que a animação do turismo de veraneio em Vila do Conde possibilitava aos jovens – nessa época de elegâncias e de passeios à beira-mar de uma burguesia despreocupada do final dos anos dourados do Entre-Guerras, antes da grande recessão iniciada precisamente nos últimos meses de 1929.

Tais recordações constituem uma rara instância epistolar em que Antonino manifesta aguda nostalgia pela «povoação mulher», a erotizada Vila do Conde, essa «*melindrosa fútil*». Uma nostalgia que se refletirá

<sup>55</sup> As *melindrosas* eram as mulheres «modernas», espampanantes e exibicionistas dos anos 20. Dentro do tipo da melindrosa destacava-se, pelas piores razões, a indesejável *cocotte*, uma *fille de joie* vivendo por conta de ricos patrocinadores, SANTOS Jr. 2005.

ainda, alguns anos mais tarde, no pedido que fará a Constantino Maia para que lhe leia o regiano ‘Romance de Vila do Conde’:<sup>56</sup> a Capela da Senhora do Socorro ostenta hoje, no muro que a rodeia, uma lápide onde foram inscritos os versos de Régio que Antonino pediu que lhe fossem lidos.<sup>57</sup> Mas não será esse o tom geral do carteio de ambos, sendo raríssimo o emprego da própria palavra «*saudade*»<sup>58</sup> – com a exceção óbvia da plangente recordação dos natais da infância, momentos míticos tanto da memória regiana como da pervivente em seu irmão.<sup>59</sup>

Apesar das distrações próprias da idade juvenil, nem tudo no Brasil é folia: Antonino revela-nos leituras algo surpreendentes, nomeadamente dos livros de viagem de Ossendowski, o controverso polaco que, contra a incredulidade de muitos, afirmava ter cruzado a Sibéria e penetrado no reino lamaísta do Tibete, que era interdito aos adventícios.<sup>60</sup>

---

<sup>56</sup> V. p. 64.

<sup>57</sup> V. p. 9.

<sup>58</sup> Usada apenas nas cartas 4 e 46, de Antonino; 39, de Régio.

<sup>59</sup> Cartas 26 e 46, de Antonino; 27, 39 e 40 (Páscoa), de Régio.

<sup>60</sup> OSSENDOWSKI (1924). Apesar de algumas impugnações – ANON. 1925 – Ossendowski teve um enorme impacto no seu tempo e mesmo depois, como o comprovam os comentários que sobre as suas perambulações asiáticas se encontram em EVOLA 1927, GUÉNON 1927, HESSE 1932.

Esta missiva está também recheada de elementos da cultura do espetáculo daquela época – sobretudo referências ao cinema alemão e ao americano.<sup>61</sup> Perdeu-se, infelizmente, o lado regiano do debate e da crítica sobre o protocinema, que seria tanto mais relevante quanto Régio irá continuar ao longo da sua vida a manifestar apaixonado interesse pela sétima arte, participando nela umas vezes como consultor, outras como ator, guionista e mesmo como tema de diversas produções cinematográficas.<sup>62</sup> Recordemos que Régio, a propósito dos seus gostos cinéfilos, não receara ser tido por *antiquado* num artigo que publicou em 1933 sobre o cinema mudo – o «silencioso» – em que o contrasta com o sonoro:

Ao meu caro leitor pouco importa que eu haja sido, ou não, dos que defenderam o silencioso contra o sonoro; mas fui desses. [...] Mas quer o amigo leitor saber por que o sonoro me não inspirou, a princípio, senão desconfiança e hostilidade? Porque os aclamadores do sonoro julgavam de boa tática não defender a sua novidade senão erguendo loas ao que no sonoro era fraco, e galhofas ao que no silencioso era bom... E o que se deu comigo pode ter-se dado com outros: Por isso conto o que se deu comigo. Julgavam esses tristes servidores do sonoro que só era possível

<sup>61</sup> Para o mundo dos anos 20 em que Antonino se movia, veja-se um estudo de caso em CARNEIRO 2011.

<sup>62</sup> <http://www.regio.pt/p/cinema.html>.

impô-lo criando um cinefilismo semelhante, pelo nada que exigia de sensibilidade artística, à paixão do *foot-ball*, ao filatellismo, ou ao gosto de namorar pequenas na avenida; negando o génio de Charlot, só porque Charlot se recusava a falar; proclamando maçadorias e *pastelões* algumas obras-primas do silencioso, só porque não despertavam o celebérrimo «riso alvar» das turbas (erro grave!) e ainda por cima exigiam miolos ou sensibilidade artística (opressiva exigência!); afetando um desprezo de *je m' en fichistas* pelo cinema arte, e um gosto de jovens desportivos (como se mocidade quisesse dizer mediocridade, e o desporto exigisse inconsciência!) pelo puro cinema diversão fácil; adulando com gentil desplante comédias, revistas e operetas da mais confrangedora banalidade, como se uma boa comédia ou opereta não fosse cousa tão séria como um bom drama (eles detestavam o *sério*), e como se quem amasse a opereta ou a comédia implicitamente se contentasse com tudo; declarando que quem vai ao cinema é para se divertir, rapazes!, eh! rapazes!, para ver *girls* no *écran* ou na plateia, etc., etc... Pobres e fracos servidores do cinema sonoro! e pobre tática a sua!<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> RÉGIO 1933.

## VI – RESENHA DE *HISTÓRIAS* *DE MULHERES*

A segunda carta, escrita vinte anos mais tarde, quando Antonino tem já 44 anos de idade e Régio 47, mantém a promessa de um colóquio de vasto interesse cultural: Antonino revela-se um entusiasta da escola freudiana de crítica literária, cultor de «*Nietzsche, Schopenhauer, Zola e Eça de Queiroz*», além de Rousseau. Terá, assim, feito ambiciosas leituras de filósofos hipercríticos e pessimistas e de escritores do realismo e naturalismo, uma surpreendente ementa para um empregado de escritório da Sabões Lubosa. Para ele é já tempo de poder apreciar as *Histórias de mulheres* e não apenas as ditas em carne e osso: comprovando que domina um Freud de divulgação, o irmão de Régio descreve, na sua resenha de leitura daqueles contos, os mecanismos da pulsão libidinosa, da repressão exterior, do recalçamento e da sublimação em ‘O vestido cor de fogo’. Admirador de Eça, Antonino poderia ter estabelecido uma ponte entre o antigo namorado da

Dulce de ‘Sorriso triste’ – que se revelara ser uma *dama da noite*, poupando-se esse «velho rapaz»,<sup>64</sup> por uma retirada compungida, ao arrependimento de com ela ter casado, ainda que lamentando não a ter salvo de uma vida abjeta – e o choque paralelo sofrido por Macário, nas *Singularidades* (QUEIRÓS 1902), ao surpreender a cleptomania da sua *rapariga loira*. Dois heróis resgatados, à beira do abismo, de uma *queda* desastrosa no matrimónio.

Atestando ser um leitor atento e apurado, Antoino emite uma relevante observação na qual muito justamente realça a grande versatilidade de Régio, que em 1946, nas *Histórias de mulheres*, aplicara os seus invulgares talentos de contista aos temas mais crus do realismo social, depois de, em 1935, ter elevado a sua arte poética à espiritualidade mais sublime e culminante das composições de *As encruzilhadas*:

Se não fosses meu irmão nunca poderia acreditar que *Histórias de mulheres* e *As encruzilhadas de Deus* pertencessem ao mesmo escritor, tal a distância entre elas.<sup>65</sup>

Poder-se-ia acrescentar que Régio transitaria também do realismo das *Histórias de mulheres* para os mais

---

<sup>64</sup> «[...]uma alegre roda de velhos rapazes; quero dizer: de solteirões», RÉGIO 2007, 79.

<sup>65</sup> Carta 2.

sofisticados registos da parábola, do onírico, do alegórico, do filosófico, do fantástico, do mítico e até do estritamente autobiográfico que se encontram presentes nos vários contos com que irá compor *Há mais mundos*, de 1962, obra justamente distinguida com o Grande Prémio de Novelística da Associação Portuguesa de Escritores de 1963, constituindo um *tour de force* de um virtuoso do conto, onde Régio comprova os seus dotes multifacetados de escritor dotado para todos os registos e géneros.

## VII – O LEGADO PATERNO

Comentando mais tarde a sua correspondência com Antonino, escreveu Régio que «*As partilhas por morte de nosso pai fizeram com que ultimamente eu me correspondesse muito com ele*»,<sup>66</sup> sendo a partir de então preservadas as cartas para servirem de registo das contas e acertos dessas mesmas partilhas. Extraviaram-se:

- o telegrama anunciando o falecimento do pai em 1957, mencionado na carta 5;
- a carta de julho de 1957, referida na carta 9;
- a carta de dezembro de 1960, de que se acusa receção na carta 39;
- a carta de 05.01.1965, cujo extravio se dá fé na c. 65.

São estas as perdas documentadas, mas haverá mais: custa a crer, por exemplo, que Antonino, tão prestimoso em referir os seus encontros com individualidades portuguesas, não fizesse menção expressa em alguma carta a seu irmão do encontro e diálogo que manteve no Recife com João Gaspar Simões, amigo e companheiro

---

<sup>66</sup> V. 'Epílogo', p. 261.



de Régio na direção da revista *presença*, que é referido por Constantino Maia. O escritor figueirense efetivamente deslocou-se ao Brasil em agosto e setembro de 1964, a fim de proferir conferências em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Fortaleza e Recife, integrado numa missão cultural portuguesa que incluía também Luís Forjaz Trigueiros e Joel Serrão (DIÁRIO DE LISBOA 1964).

Logo que a vida do pai começou a dar sinais de fraquejar, José Régio escreveu a Antonino a carta 3, datada de 1957, a primeira da sua autoria conservada neste epistolário e que inaugura as negociações sobre as partilhas. É grande o seu receio de conflitos e de objeções por parte do irmão; porém, uma vez mais, tal como no episódio das campainhas douradas, Régio exagerara a sua prevenção contra o feitio de Antonino, pois na verdade o intercâmbio epistolar facilmente fluiu com o irmão que se achava favoravelmente predisposto para consigo. Assim mesmo, Régio parece temer o regresso de Antonino a Vila do Conde e pede-lhe que confie nas contas que depois lhe enviará em detalhe, ainda que mais tarde, com o acordo do irmão, desista de o fazer.<sup>67</sup> Só após as tornas terem sido saldadas é que Régio convidará Antonino a visitar Vila do Conde, não tendo demonstrado qualquer interesse em visitá-lo no Brasil. Como Antonino não nutria desejo algum de regressar à sua terra natal, a tudo

---

<sup>67</sup> Carta 40.

acedeu e com tudo concordou durante as negociações das partilhas.

Das diligências aqui documentadas se constata que Régio tinha a ambição de reunir e conservar na íntegra o património familiar...

Por eu não querer vender nada disso mas não poder ficar com tudo.<sup>68</sup>

...sem que para tal desiderato lhe chegassem os seus parcos proventos de professor liceal, ainda que complementados pelos ocasionais lucros de negociante de antiguidades e pelos montantes dos dois prémios literários com que foi agraciado – e que são referidos no carteiro.

O valor do legado em causa ascendia a cerca de 500 contos, ou seja, aproximadamente cinco vezes o valor do seu principal componente, a casa da madrinha Libânia. Régio distribuiu os bens de forma a ficar com essa propriedade maior e o seu amado quintal/jardim: *«claro que eu nunca deixaria a [casa] da madrinha Libânia, com o quintal anexo»*.<sup>69</sup>

Eu ficarei, parece resolvido, com a casa da madrinha Libânia onde sempre tenho tido o meu quarto – sempre... desde a morte da madrinha

---

<sup>68</sup> Carta 57.

<sup>69</sup> Carta 25.

Libânia, pouco mais ou menos – e o quintal contíguo que desde criança considero meu.<sup>70</sup>

...e tendo procurado assignar a casa de seus pais, adjacente àquela, mas mais modesta, a seu irmão Júlio, este acabaria por se desinteressar dela e Régio passaria a ter como vizinho o seu irmão João Maria.

Curiosamente, Régio parece ter-se convencido a si próprio de que o interesse pela manutenção do património em mãos da família havia partido do próprio Antonino, algo que reconhece como sendo incongruente com a falta de interesse de Antonino em voltar a Portugal. Na passagem diarística datada de 07.10.1965,<sup>71</sup> em Portalegre, Régio insiste em que a presente correspondência comprovaria o interesse de Antonino pela manutenção da propriedade das casas na família – porém, tudo quanto Antonino manifesta é a sua simples anuência de princípio com os projetos do irmão:

[...] vejo que este é um dos casos a resolver em que te mostras mais interessado, desde já te posso garantir que concordo plenamente com que tu fiques com a casa da madrinha Libânia e o jardim anexo, pelo qual mostras ter grande predileção [...].<sup>72</sup>

<sup>70</sup> RÉGIO 2000, 314.

<sup>71</sup> 'Epílogo', pp. 261-262.

<sup>72</sup> Carta 6.

## VIII – O BRASIL E A LÍNGUA COMUM

Mas nem só de partilhas trata este carteiro. Nas cartas 9 e 10 surge uma análise dos deméritos da civilização brasileira – a respeito da qual Régio nutria certas prevenções pelo pouco respeito concedido ao passado e à tradição por parte de «*uma civilização feita à pressa, ainda sem raízes*»<sup>73</sup> – ainda que o Poeta reconhecesse ter muitos admiradores no Brasil e o seu irmão o tenha informado da existência de alguns mais, entre os funcionários da agência do BNU no Recife, aspirantes a poetas que liam e admiravam a obra de José Régio.<sup>74</sup>

Talvez por reação à moda neorrealista do romance nordestino de Jorge Amado e de Graciliano Ramos, que tanta influência granjeara nos meios mais hostis à revista *presença*,<sup>75</sup> Régio não estabeleceu jamais fortes

---

<sup>73</sup> Carta 10.

<sup>74</sup> Carta 20.

<sup>75</sup> RÉGIO 1939.

laços com brasileiros, nem viajou nunca para o Brasil, ao contrário dos seus colegas de direção na *presença*, Gaspar Simões e Casais Monteiro, o primeiro tendo chegado a ser sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras e o segundo, muito atento à literatura brasileira, acabando por se radicar definitivamente em terras de Cabral em 1954. Mas há na ‘História de Rosa brava’, das *Histórias de mulheres*, uma instância pouco habitual em que Régio alude à literatura escrita além-Atlântico, nomeadamente aos primeiros versos da famosa ‘Lyra VII’ de *Marília de Dirceu* (GONZAGA 1792, 26-28), do árcade portuense Thomaz António Gonzaga (1744-1810) – que emigrara para Pernambuco em 1751 em mais uma instância dessa secular corrente migratória do Porto para o Recife. É comum a *mise en abime* de Régio ao colocar personagens seus como leitores de livros – em *Uma gota de sangue* (1945) Lelito lê nas horas de estudo as *Catilinárias*, de Cícero (60 a. C.), e no recreio as *Viagens na minha terra*, de Garrett (1846). Ainda que Régio aluda a Gonzaga em páginas de história literária,<sup>76</sup> talvez tenha deixado aqui uma pista suplementar de leitura sobre o vínculo da brava Rosa a Antonino.

Outras análises de interesse geral incluem temas culturais, históricos e até mesmo políticos, apesar deste

---

<sup>76</sup> Nomeadamente no ¶ inicial da *Pequena história da moderna poesia portuguesa*, 1941b, 7.

último temário não recolher a preferência de Antonino, como bem observa Régio na referida carta a Flávio Gonçalves – na verdade era o caçula, o irmão João Maria, homónimo do personagem João ali citado, quem mais se dava a rumações políticas, como o comprova a correspondência deste com Régio. Todavia, apesar da notada discrição de Antonino, assinala-se a sua presença entusiástica, enquanto membro ativo da colónia portuguesa do Recife, nas receções às altas personalidades lusas de passagem pela capital do Estado, como o Presidente Craveiro Lopes e o Ministro Paulo Cunha em 1957,<sup>77</sup> ou o Cardeal-Patriarca Dom Manuel Gonçalves Cerejeira em 1960.<sup>78</sup>

Quanto às suas opiniões sobre as relações culturais luso-brasileiras, Antonino não deixa de impugnar Portugal pelos males do Brasil (como sói fazer-se naquela antiga colónia portuguesa das Américas – confessando Antonino, aliás, seguir as opiniões da moda), para avançar em seguida os seus argumentos, tanto económicos quanto linguísticos, em prol de uma reorientação africana das prioridades portuguesas:<sup>79</sup>

No meu entender o futuro da língua portuguesa está no nosso *Império Colonial Português*, o seu veículo no *ouro negro* que jorra abundante do

---

<sup>77</sup> Carta 9.

<sup>78</sup> Carta 32.

<sup>79</sup> Carta 11.

solo fértil angolense, no *ouro branco* dos planaltos de Benguela e Moçâmedes.

Este «ouro branco» eram os colonos idos da Metrópole para Angola, para se dedicarem à agricultura.

Antonino considera «*abastardada*» a língua portuguesa falada no Brasil, da qual, aliás – contra o que seria de esperar – se vai gradualmente afastando na escrita destas cartas, quer ao nível do léxico, quer ao da sintaxe.<sup>80</sup> Porém, convive com poetas pernambucanos,<sup>81</sup> apesar de não referir os seus nomes.

No Brasil, Antonino dedicou-se ao charadismo, como é salientado por Constantino Maia e também por Régio,<sup>82</sup> que nos primórdios da sua carreira de poeta, nos anos de 1917-1919, publicara na revista mensal do Porto *O Record Charadístico*, «órgão dos charadistas portugueses e brasileiros», uma série de sonetos – assinados com o acrónimo *Jomar*, de **José Maria**,<sup>83</sup> tal como Antonino, a partir de **Antonino Maria dos Reis Pereira**, irá criar *Antomarepe*. Este interesse pelas charadas une apenas estes dois irmãos, já que não seria partilhado pelos restantes.

---

<sup>80</sup> Exemplo do abandono por Antonino do emprego de brasileirismos é a reversão do «papai» para «papá», na carta 24.

<sup>81</sup> Carta 45.

<sup>82</sup> V. pp. 63, 263, 268.

<sup>83</sup> MARTINES (no prelo).

## IX – REGRESSO PÓSTUMO DO ‘FILHO PRÓDIGO’

É sem dúvida inesperado que Régio considerasse ter sido Antonino «*o mais infeliz de nós todos*»,<sup>84</sup> insistindo de forma elíptica nas suas peculiaridades, diferenças e idiossincrasias, sem ficar claro por que razão seria Antonino *mais peculiar* e diferente do que ele próprio, o *peculiaríssimo* e tão *diferente* Régio, que já no soneto ‘Pecado original’ lastimava, perante sua mãe, ser um homem demasiado complexo:

.....  
Que sonho, Mãe!: ter-me eu em meu poder,  
Talhar-me bom, feliz, simples, vulgar...<sup>85</sup>

Também inesperadamente, Régio, que em vida nada fizera para trazer Antonino a Portugal, após a morte do irmão mandará trazer os seus despojos para junto dos da

---

<sup>84</sup> ‘Epílogo’, p. 261; e também RÉGIO 2000, 303: «*Creio que o mais infeliz de nós ainda será o Antonino, em quem penso mais vezes do que se julga*».

<sup>85</sup> RÉGIO 1929.



mãe – evidenciando o seu vínculo ao passado e o forte sentido de família provenientes do seu pendor atávico e visceralmente conservador, condensado nesta reflexão:

Gosto de manter estes costumes antigos – que suponho que estão a desaparecer. Substituí-  
dos por melhores? Não sei.<sup>86</sup>

Apesar da sua idiosincrasia saudosista, Régio manifestou igualmente um acentuado sentido prático, sendo dos poucos escritores portugueses que planearam a sua posteridade ao conceber com grande presciência o plano de transformação das suas casas em museus – a de Portalegre seria negociada ainda em sua vida com a respetiva Câmara Municipal e, com o dinheiro assim obtido, a de Vila do Conde seria preparada para idêntica finalidade,<sup>87</sup> concretizada após o seu falecimento.<sup>88</sup> Ideou o futuro destes espaços museológicos de tal forma que eles viessem a conservar viva a memória do seu ilustre morador até mesmo para além da literatura – enquanto apaixonado cultor, colecionador e *entrepreneur* de pequeno comércio e restauro de arte sacra e popular.<sup>89</sup>

---

<sup>86</sup> RÉGIO (1968) Carta a seu irmão Apolinário, 09.12.

<sup>87</sup> Carta 57.

<sup>88</sup> PONTE 2007.

<sup>89</sup> A tradição portuguesa do poeta-antiquário, iniciada por André de Resende, fora ilustrada por Guerra Junqueiro numa escala já dificilmente replicável na época de José Régio.

Já do enigmático Antonino se pode dizer que, apesar da sua modéstia, ganhou o direito a entrar para a História: além do privilégio de ser irmão de José Régio, foi contemplado com um capítulo memorialístico pelo seu biógrafo José Constantino Ferreira Maia, que também se radicara no Recife e que resumiu o período brasileiro da sua vida na ‘Recordação do Antonino’, adiante publicada.

O presente carteiro tem ainda um estatuto especial: o de ter sido o próprio Régio a ordenar a recuperação das cartas da sua autoria que se encontravam no Brasil, demanda na qual colocou singular empenho:

Régio insistiu que lhe enviássemos as cartas que ele guardava e quais[quer] escritos seus. Tudo foi para Vila do Conde, fotografias, dinheiros, ouros, cartas dos pais, dos irmãos [...] <sup>90</sup>

A relação entre José e Antonino foi sem dúvida uma relação original, entre dois irmãos fora do comum.

*Queluz, 28 de junho de 2015.*

FILIPE DELFIM SANTOS

---

<sup>90</sup> V. p. 67.